



RUA 2: UM OLHAR SOBRE O PINHEIRINHO



Fernanda Silva

RUA 2: UM OLHAR SOBRE O PINHEIRINHO



Livro produzido e apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

Orientador Prof. Dr. Luiz Fernando da Silva

Bauru 2009

Dedicado às lutadoras e lutadores do Pinheirinho



UM OLHAR INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais tem fundamental importância nas sociedades atuais. Por um lado eles impulsionam conquistas e manutenção de direitos. Por outro lado, eles servem como termômetros, refletindo através de suas bandeiras quais são os principais problemas da sociedade em questão.

A imprensa em geral criminaliza o movimento social e o trata de forma superficial, homogeneizando seus integrantes, desconsiderando a particularidade e complexidade das pessoas que o compõe. O papel de quebrar essa máscara imposta cabe hoje às mídias alternativas, sindicais e de esquerda. Esse livro é uma tentativa de complementar o trabalho dessas mídias.

O livro é dividido em capítulos que descrevem o acampamento e alguns de seus moradores. No Capítulo "Quem é esse Pinheirinho", a descrição é feita com base em uma entrevista com Valdir Martins, conhecido como Marrom, membro da coordenação do movimento. A legenda das fotos desse capítulo são falas diretas dele, informações tiradas dessa entrevista ou impressões minhas sobre o acampamento.

Nos capítulos seguintes, são apresentados perfis de cinco moradores. A abertura de cada capítulo foi feita com base também em entrevistas e impressões pessoais.

Por fim, cabe ressaltar que todas as fotos dos perfis foram feitas depois de uma primeira entrevista com o personagem, pois a intenção não era obter fotos superficialmente belas do Pinheirinho, mas impressões de uma ocupação vista por dentro.

Fernanda Silva é estudante de jornalismo, militante do movimento estudantil e do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) desde 2006.

QUEM É ESSE PINHEIRINHO

Localizada no estado de São Paulo, na cidade de São José dos Campos, a ocupação urbana do Pinheirinho se estende por uma área de aproximadamente 1,3 milhões de metros quadrados. O início da ocupação se deu em fevereiro de 2004, mas sua história se iniciou antes.

No mandado da Prefeita Ângela Guadagnin, entre 93 e 96, cerca de 150 habitações populares construídas pelo governo no bairro Campo dos Alemães foram ocupadas. Segundo Marrom, membro da coordenação do Pinheirinho, a construção daquelas casas havia sido finalizada há muito tempo, mas o governo não as entregava. Os ocupantes conseguiram ter sua moradia regulamentada.

No mandato seguinte, do prefeito Emanuel Fernandes, ocorreu uma situação semelhante. Dessa vez, 150 casas foram ocupadas pelo mesmo movimento que se encontrava no Campo dos Alemães. Então veio a ordem se despejo, acompanhada de força policial e não foi possível resistir.

Das 140 famílias que se encontravam nessa ocupação, 70 moveram acampamento para um “campão” que havia no bairro Campo dos Alemães. Esse acampamento chegou a ter 350 famílias. O prefeito então entrou em contato com os moradores, dizendo que nesse local não poderia ser regularizada a ocupação, pois estava previsto a construção de um hospital.

Foi então que na noite de carnaval de 26 de fevereiro de 2004, dois anos após o início do acampamento no campão, o movimento se moveu para o terreno que hoje é o Pinheirinho.

No acampamento moram 1843 famílias, divididas em 14 setores nomeados da letra A à N. As famílias se organizam por setor, e cada família possui um lote. O Pinheirinho é uma ocupação Urbano-Rural, com 85% do acampamento dividido em lotes de 250 metros quadrados e com o setor K sendo composto por pequenas chácaras.

O movimento da ocupação foi batizado de MUST – Movimento

Urbano Sem Teto, em referência a um outro movimento social existente em Pernambuco. Com a ocupação estabelecida, começaram a surgir liminares para que o movimento se retirasse do terreno. A cada liminar que surgia, o MUST fazia uma carta para a população de São José dos Campos. Segundo Marrom, essa iniciativa foi essencial para acabar com a criminalização do Pinheirinho pelos moradores da cidade. Já se passaram mais de quatro anos, quase 20 liminares e o movimento continua.

Às terças-feiras cada setor se reúne no que chamam de núcleos, e aos sábados todos os moradores se reúnem para

a assembléia. O Pinheirinho chama a atenção por lutar por bandeiras além da moradia. Ele faz parte da CONLUTAS, Coordenação Nacional de Lutas, e está presente em inúmeras mobilizações, desde passeatas contra o aumento de salário dos parlamentares à piquetes em portas de fábricas.

Colabora e tem como grandes colaboradores os movimentos e sindicatos ligados à CONLUTAS, principalmente o Sindicato de Metalúrgicos e o Sindicatos dos Químicos de São José dos Campos e região.





"Pra que que a gente luta? A gente luta pra que as famílias pra cá tenham uma casa decente. O que o governo faz? São cubículos de 30 metros quadrados a gente falou: esse tipo de moradia não é ideal pro povo brasileiro."

Entre os moradores do acampamento, cerca de 4 mil são crianças de 0 a 12 anos e cerca de 2.500 são adolescentes.



"Quinze dias depois nós começamos a dividir a terra pro pessoal. Falamos que não ia ser um circo, **não ia ser uma favela**, ia ser uma ocupação. Com ruas, com praças."

"Essa é a **primeira ocupação no país** onde tem as ruas bem organizadinhas e os lotes de 250 metros quadrados desde o começo. Pra que não entrasse nem duas famílias por lote. Teria que ser **uma família pra cada lote.**"





"As pessoas só procuram advogado quando tem **um problema muito sério**, só procura médico, na maioria das vezes, quando ta muito doente, senão toma remédio caseiro. E só procura acampamento quem realmente ta na pior."

As casas são feitas com os mais diferentes tipos de materias. Blocos de concreto a placas de publicidade são usadas nas paredes e muros. Multirões entre os moradores são práticas muito comuns no acampamento.





Festa do dia das crianças

"Se aqui no acampamento **não entra nenhum dinheiro público**, a gente faz os salões, faz os barracões, as festas, **você viu a festa do dia das crianças?** o tanto de brinquedo que tinha? Imagina o **governo com o tanto de dinheiro público** que tem, ele faz o que quiser. Sabe por que não faz? Por que **o dinheiro que era pra fazer isso, paga salário pra senador, pra deputado, pra prefeito.** Esse acampamento aqui ta com **todas as redes de luz, de água puxada,** com os barracões, com as festas, **com um ajudando o outro.** Sem entrar uma verba pública."

"Eu conheço muita gente que chegou aqui numa **situação muito complicada.** Às vezes tem uma criança que nunca comeu um bombom, aí dois três meses depois tá o pai chegando e a criança com aquela caixinha de bombom embaixo do braço, **me dá até água no olho,** eu fico tão contente. Aí eles falam "Olha Marrom! **Meu pai comprou chocolate pra mim!**". Eu fico muito contente."

"Por isso que eu falo que se tiver uma desocupação aqui vai ser uma coisa perigosa, por que são pessoas que estão dispostas a lutar até a morte. Há uns três anos atrás, quando a coisa tava em vias de fato, tinha gente aqui que tinha comprado gasolina, tava falando em por fogo na família inteira por que a família não tinha pra onde ir, por que é desesperador."





"É uma coordenação mista, com todos os segmentos. Pessoas religiosas, de igreja evangélica, católica, pessoas que meche com esporte. Tem um coordenador com 70 anos e tem um coordenador com 18."

No início das assembléias um morador de cada lote procura o coordenador para assinar a lista de presença. Uma frequente ausência sem justificativa pode levar implicar em um convite para se retirar do acampamento.





"Tem lei aqui. A lei de agressão. Essa lei Maria da Penha funciona aqui bem antes de funcionar em qualquer lugar no mundo. Aqui o homem não é bobo nem de encostar o dedo na mulher. Dá problema."





Em 14 de agosto aconteceu o Dia Nacional de Lutas, impulsionado pela Conlutas juntamente com outras centrais sindicais e movimentos sociais.



Em várias cidades do país houveram manifestações de trabalhadores que estavam em campanha salarial e movimentos sociais. As bandeiras de "Fora Sarney" e a exigência de remédios para todos contra a gripe suína se somaram à luta pelo direito dos trabalhadores.



Os moradores se concentraram na frente da secretaria do acampamento



O MUST reuniu cerca de 2 mil moradores do Pinheirinho que saíram em marcha pelas vias da cidade até a Rodovia Presidente Dutra.





Os moradores caminharam cerca de três quilômetros até chegarem ao km 156 da Via Dutra e fecharam a rodovia nos dois sentidos por 33 minutos.



TEREZA

Quando entrevistei Terezinha Jesus pela primeira vez ela havia chegado há apenas duas semanas no Pinheirinho. Tinha vindo visitar seus filhos e sua irmã Dina, que mora no acampamento a quatro anos e possui um sacolão na Rua 2. Logo que chegou, Tereza mudou de idéia sobre voltar para o Piauí.

Nasceu e morou durante toda sua vida em Teresina, onde trabalhava como feirante no Mercado do Parque. Quando saiu de lá, deixou sua banca de feira com sua irmã e sua casa com seu marido.

Seu marido é entre os citados o que Tereza menos sente falta, e quando pergunto o por que desse desapego a ele, ela foge do assunto com um sorriso e a frase: "Cada macaco no seu galho".

Para ela, o que importava agora era ir nas reuniões do movimento, participar das assembléias e esperar por um terreninho.

Depois de um mês de sua chegada ao acampamento, um barraco que fica a duas quadras da casa de sua irmã foi desocupado e Tereza e seus dois filhos se tornaram definitivamente moradores do Pinheirinho.

O que a preocupa agora é conseguir abrir um sacolão no Pinheirinho, como sua irmã, e ficar tranquila, trabalhando pra si própria.

Quando a encontrei pela ultima vez, no dia 10 de outubro, havia feito dois meses que chegara ao Pinheirinho. Continuava com a mesma tranquilidade da primeira vez que a vi, sem ter nada a reclamar sobre sua vizinhança.

Tereza me disse que no final o mês estaria voltando ao Piauí, para resolver alguns problemas que ficaram pendentes.

"E dessa vez a senhora vai trazer o marido junto?"

"Não, ele fica por lá mesmo."



"Vim num ônibus clandestino, três dias de viagem, sofrendo, mas tô aqui, graças a Deus. De lá pra cá eu vim aos trancos e barrancos, mas eu tô aqui. E agora eu to lutando pra um barraquinho pra mim."



"E eu trabalho aqui ajudando minha irmã. Por enquanto eu to só aqui ajudando ela. Mas to pretendendo trabalhar também nesse mesmo ramo dela aqui. Eu quero trabalhar pra mim mesma. Abrir um sacolão pra mim também. No Pinheirinho."



"E em Terezina? Não ficou nada?
Ficou meu marido, ficou minha casa. **Aqui é melhor.** Têm serviço pros meus meninos, lá não tinha. Eles trabalham fazendo gesso, trabalham no gesseiro.
E teu marido?
Ah! Ele fica pra lá.
Você não chamou ele pra vir junto?
Não, não dá certo. Homem ruim tem que ficar é longe."



"Eu vim só pra passear, e gostei e tratei de ficar."

"E eu trabalho aqui ajudando minha irmã. Por enquanto eu to só aqui ajudando ela. Mas to pretendendo trabalhar também nesse mesmo ramo dela aqui. Eu quero trabalhar pra mim mesma. Abrir um sacolão pra mim também. No Pinheirinho."



"E em Terezina? Não ficou nada?
Ficou meu marido, ficou minha casa. **Aqui é melhor.** Têm serviço pros meus meninos, lá não tinha. Eles trabalham fazendo gesso, trabalham no gesseiro.
E teu marido?
Ah! Ele fica pra lá.
Você não chamou ele pra vir junto?
Não, não dá certo. Homem ruim tem que ficar é longe."

"Eu vim só pra passear, e gostei e tratei de ficar."



MARIA

O calor e o clima seco do mês de setembro me fez conhecer Dona Maria. Andando pela rua 2 encontrei um balcão onde um rapaz tomava cerveja. Pedi um refrigerante e fui carinhosamente atendida por uma senhora que antes estava sentada em frente a sua máquina de costura. Desde então, parar nesse balcão e tomar um suco ou um refrigerante passou a ser uma rotina, o início de todas minhas passagens pelo acampamento.

Maria Liduina nasceu no centro do estado do Ceará, na cidade de Boa viagem. A dez anos veio para a cidade de São José dos Campos onde seu filho mais novo já morava. Diz que estranhou a cidade já pela sua rodoviária, que achou muito feia. Maria diz que foi por que morava em Fortaleza e estava acostumada com a cidade turística, que já encanta desde seu desembarque.

Só percebeu que havia se acostumado com o sudeste e com o Vale do Paraíba a três anos, quando foi visitar sua mãe que continua no Ceará. Chegando lá achou tudo estranho, e concluiu que havia se acostumado com as pessoas e com o ritmo do estado de São Paulo. Mas não deixa de afirmar com orgulho que é nordestina e não mudou nada, nem seu tom alto de voz que às vezes incomoda os paulistanos.

A quatro anos se separou do marido, pra quem deixou sua casa em São José. Mudou-se então para o Pinheirinho, onde seu filho e sobrinho já moravam.

Já trabalhou como costureira, merendeira e empregada doméstica. Hoje faz pequenos trabalhos de costura e continua com sua mercearia na rua 2, que aos fins de semana chama atenção pelo som alto que emana das caixas de som improvisadas.

Seu comércio continua reunindo vizinhos para conversar e tomar cerveja, dançar sertanejo e forró e também serve como ótimo ponto de partida para quem queira conhecer o Pinheirinho ou simplesmente matar a sede.





"Sou nordestina,
não mudei nada."



"Dizem que aqui em São José dos Campos é no estado de São Paulo a cidade que as pessoas gostam mais. Tem muito nordestino aqui. Aqui no Pinheirinho mesmo tem muito nordestino."

"Eu sou uma cearense mas sou uma cearense que lá eu não passei fome não. Por que eu sempre trabalhei."



"Eu trabalhava na loja de aluguel de roupa. Pras pessoas que vão casar, né? Não tem aqueles vestidos de noiva? Eu bordava aqueles vestidos. Aí eu passei cinco anos e meio e saí. Aí eu arrumei aqui, to aqui. Quero trabalhar pra mim mesmo. Tá ótimo. Pego costura, faço umas coisinhas, geladinho. E dá pra levar."



"Eu nunca vi ambulância aqui dentro não. Já vi conselho tutelar, mas ambulância mesmo eu nunca vi. Ambulância não entra aqui não, o por que eu não sei, só sei que nunca vi. Também a maioria das pessoas ajuda uns aos outros, quando tem um doente o outro leva pro hospital."



"Aqui todo mundo é vizinho, todo mundo tem amigo. Eles são tudo unido aqui dentro, muito unido. E eles (a coordenação) fala pra gente se unir mais ainda, pra conseguir alguma coisa."



Maria em assembleia no Pinheirinho



"Participo das assembleias de sábado, e de terça, e gosto muito do que eles falam e **peço a Deus que dê certo**. Por que o Pinheirinho tá muito longe, em muito lugar, o nome dele. Nosso coordenador fala que **O Pinheirinho é reconhecido em todo lugar**. A gente tá pedindo a Deus que a gente ganhe. Por que as pessoas que tão aqui não têm onde morar. "

"Mas aqui não dá briga, essas coisas. É como um bairro normal Um bairro qualquer. Todo mundo tá aqui por um bem maior, por um lugar pra morar."



RENATO

No meio da rua 2 um vaso sanitário, uma porta de alumínio e uma cama de casal me chamaram a atenção. Na curiosidade de saber por que aqueles objetos estavam em exposição na frente de sua casa, conheci Renato.

Ele nasceu na capital de São Paulo mas já mora no Vale do Paraíba à 12 anos. Casado à 17 com Cristina, teve que sair do Gueto, uma favela em Jacareí por que o aluguel estava muito caro. Não achou ruim, a criminalidade no local o incomodava. Renato diz que se houvesse uma organização como no Pinheirinho, estaria lá até hoje.

Se mudou para São José dos Campos, para a casa de sua irmã que fica num bairro vizinho ao Pinheirinho. Sua outra irmã, que mora no acampamento, o aconselhou a frequentar as reuniões e assembléias para conseguir um terreno. Logo apareceu um barraco, que o antigo dono tinha deixado sem as telhas. Renato não viu problema, cobriu a casa e já no dia seguinte se mudou.

No armário do quarto, sua coleção de filmes impressiona. Ele jura que já assistiu todos os títulos que preenchem as duas caixas lotadas de DVDs, que variam entre animações infantis e filmes de ação.

O motivo dos objetos na frente de sua casa? Renato trabalha com o que chama de "reciclagem", traduzindo em suas próprias palavras: "*Eu cato na rua e depois revendo*".

Seu carro tem uma importância imensa pra ele. Sempre que me encontra pergunta se já mandei a foto que tirei do veículo para o "Lata Velha", um programa de televisão que presenteia alguns telespectadores com a reforma de seus veículos. Com seu Corcel Belina, ele corre as ruas de São José recolhendo doações e revendendo na feira do bairro Dom Pedro ou dentro do acampamento.

Reunindo de embalagens plásticas à bicicletas, o quintal em frente a sua casa funciona hoje como um depósito. Assim que terminar de reformar sua casa, ele quer abrir seu comércio de reciclagem nesse espaço.



"Mas eu não gosto de ser mandado por ninguém não, eu gosto de fazer o meu **negócio**, eu sempre trabalhei com isso. Com o pouco que eu ganho **ao menos eu não sou mandado por ninguém.**"



"Vou nas assembleias, vou nos atos, em tudo. O movimento não tem coisa melhor. Vamos muito pra porta de fábrica também, **anteontem mesmo nós fomos pra porta de fábrica.** É que eles ajudam nós, então nós temos que ajudar eles também, né. **Acho que uma mão lava a outra.**"



"Ainda era matão esse lugar aqui. De lá pra cá, graças a Deus, pra mim não faltou nada."



"Eu gosto mais de filme. Filme tenho muito. Comprei aí na feira do colonial, de domingo. De desenho eu tinha uns cem de desenho. Aí fui dando aí pra molecada aí na rua."



"To fazendo minha casinha, agora acabando minha casa quero montar um comércioinho pra mim aí na frente."

DANIELE

Primeiro Josué 1, 9: "Sê tu mui forte e corajoso, não tema por que eu sou contigo por onde quer que andar".

A primeira frase que Daniele quis registrar quando liguei o gravador foi uma passagem da Bíblia. Não foram necessárias as três entrevistas e os quase três meses de contato com ela para concluir que Daniele tinha uma fé tão grande quanto sua vontade de demonstrá-la. Após tantos encontro e conversas, gravadas em áudio ou apenas na memória, a primeira frase dita por Daniele se tornou, de forma incrivelmente simples, a melhor forma de defini-la.

Forte e corajosa é a maneira mais justa de apresentar essa mulher. Jovem, casada e mãe de uma filha de nove anos e um filho de dois, Daniele nasceu em Guarulhos e viveu sua infância e adolescência na zona Leste de São Paulo. Ao concluir a oitava série deixou a casa de sua tia e voltou a morar com sua mãe, que havia acabado de se mudar para São José dos Campos. A nove anos conheceu o irmão de sua vizinha; com ele se casou e teve Lidiane e Michael.

Ouviu falar do acampamento no noticiário, mas seu receio de não conhecer ninguém que morasse no Pinheirinho a manteve na casa de sua mãe por mais alguns anos. Uma briga com seu irmão que sofre de esquizofrenia a fez sair de casa. Na noite de 28 de outubro de 2007, acompanhada de seus filhos e seu marido, Daniele procurou sua irmã que havia então se mudado para o acampamento.

A luz da casa de Cristina estava acesa, e lá ela encontrou comida, alojamento e a perspectiva de começar uma nova etapa em sua vida. Daniele acredita que Deus foi o grande responsável por ela ter conseguido em agosto desse ano um terreno no setor D, mas não nega mérito à sua militância e à contribuição da coordenação e dos moradores do acampamento. Daniele diz que o futuro que quer e imagina é com seus filhos operários, sua casa regulamentada e seus netos crescendo no Pinheirinho.



"Aí enquanto eu fazia a massa ele colocava os blocos, eu enchia o balde cheio de massa só pra obra não parar. Até que se transformou nisso aqui. Nessa casa aqui. **Isso aqui foi o suor.** Que só Deus pode, **só Deus conhece,** só Deus sabe. Por que eu vou falar uma coisa pra você, pra você ter conseguido um terreno pra você é gratificante. Não tem palavra, não tem como expressar. **É alegria.** **Você não sabe se você ri, se você chora, se você pula, se você grita."**



"Cada morador tem seu papel, por que faz sua casinha, luta, vai em marcha, **não tem medo,** e busca o objetivo que é ter sua casinha própria pra deixar pro seus filhos. E a gente mora aqui com o intuito de não ser um favelado como o pessoal pensa não, mas ser uma pessoa civilizada que paga suas contas em dia; um pai de família, **uma mãe de família** que trabalha, se esforça pra pagar suas contas."

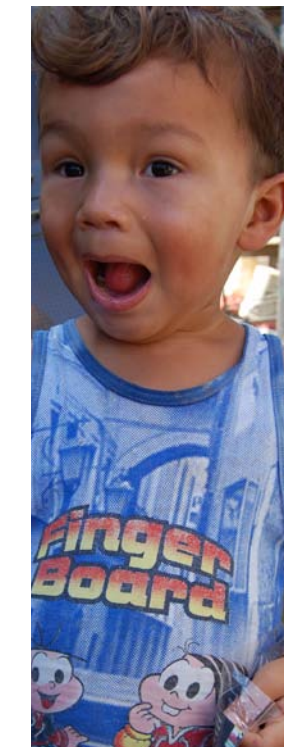
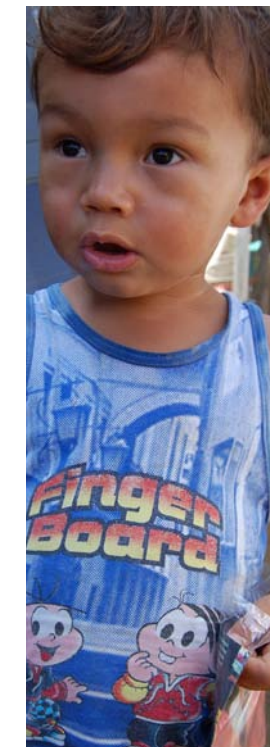
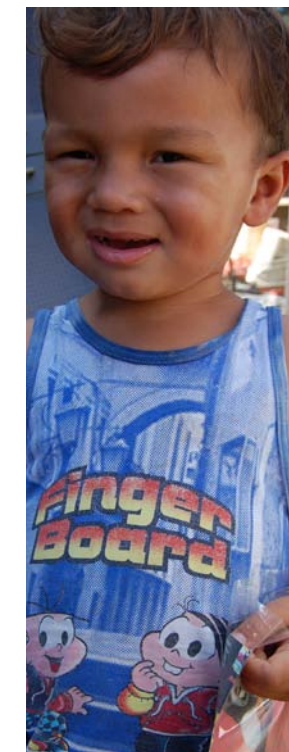
"Eu tava chorando, com esse menino no carrinho cheio de sacola e a menina quase dormindo. Eu tava chorando, **eu tava bem triste.** Meu marido falou: 'vou largar você na casa da sua irmã e vou partir'. Eu falei 'Não, a gente veio junto, se for pra você morar na rua nós mora também, **nós quatro.'**" - *Relato da noite que saiu da casa de sua mãe.*





"Ano que vem eu vou voltar a estudar, você vai ter notícia ainda que eu voltei a estudar. Vou terminar. Só parei por que eu engravidei da minha filha, passava muito mal, pedia pro professor pra sair da sala. Só abandonei por causa disso. Mas a minha filha eu pego no pé, sou linha dura. O que eu não pude estudar eu cobro dela. Eu sei que as vezes a gente cobra demais, mas é por que a gente quer ver um futuro melhor pra eles."

"Eu acho assim, esse negócio de porta de fábrica a gente tem que brigar sim por que futuramente os filhos da gente, quem sabe, eles sobem na vida e eles que estão trabalhando lá, e eles que são humilhados lá. Então a gente tem que brigar sim. Tem que ir pra porta de fábrica sim, reivindicar os direitos dos trabalhadores, o aumento salarial, por que hoje são eles, futuramente são os filhos da gente que vão depender daquilo ali."





"Era cheio de mato. Era cheio de mato sim, eu não vou negar pra você, aqui era um matão. Dava até medo de entrar, que era grande o mato aqui, tinha muita sujeira, muito bicho, escorpião. Mas é aquela coisa, né, quem precisa não olha obstáculo nenhum." - *Sobre o terreno onde construiu sua casa*





"Agora em ato eu sei como é por que ato eu não perco. **Ato eu não perco nenhum.** Eu fui a ultima vez aqui pra câmara municipal. Você viu o aumento dos senadores, dos deputados? Isso é um absurdo! Eles têm dinheiro e os pobres ficam se lascando. **Por que quem realmente precisa ser ajudado no Brasil de certa maneira não é ajudado.**"

"Não é só por que a gente é o pessoal do Pinheirinho, é por que outras pessoas precisam, **tem pessoas que precisam muito mais que a gente.** E vê se eles (políticos) se mobilizam? Não tão nem aí. Enquanto eles tão ganhando o dinheiro deles estão sossegados."

"É só lutando que a gente vence. Uma hora eles cansam e a gente vence de uma vez. Uma hora eles vão ter que falar 'Opa! Não vou mais poder mexer com aquele povo que **aquele povo é lutador, é merecedor.**'"





HORTÊNCIA

Hortência gosta de narrar os "quase" em sua vida. Diz que as histórias que me contou um dia irá contar em um programa de Televisão.

Nascida em Aracajú, a mãe de Daniele por duas vezes quase trilhou uma carreira no cenário da música brasileira.

Sua primeira oportunidade surgiu quando se mudou para a capital de São Paulo, com 17 anos e conheceu, na casa onde trabalhava de empregada doméstica, o ator e humorista Manoel da Nóbrega. Sem saber que o gravador estava ligado, cantou uma música de Nelson Ned enquanto limpava o escritório de seu patrão. No dia seguinte foi avisada que a casa receberia uma visita para o jantar. Não reconheceu o ator quando abriu a porta, e o conduziu para o escritório onde seu patrão o aguardava. Assustou-se ao ouvir sua voz saindo pelas frestas da porta do escritório, mas fingiu que nada tinha acontecido. Após o jantar, Manuel da Nóbrega a levou ao escritório, mostrou a gravação que o patrão de Hortência tinha feito e a convidou para se mudar para o Rio de Janeiro e ser cantora de seu programa de televisão. Na proposta não haveria tempo para Hortência escrever um telegrama para o Sergipe pedindo opinião de sua mãe. Então ela recusou.

Uma segunda oportunidade apareceu para ela e sua filha. As duas faziam duetos na praça da Sé, em São Paulo quando foram convidadas pela produtora da Hebe Camargo para aparecerem em seu programa. Desta vez a recusa veio por parte de Cristina, sua filha, que não quis aceitar o convite.

Sente-se triste ao pensar na vida que podia ter vivido, mas, religiosa como sua filha, diz que Deus tem um plano para ela.

Hoje Hortência continua cantando em outro tipo de palco. Ela copia a mão as músicas gospel que ouve na rádio e nos CDs que Daniele lhe deu e canta em sua igreja evangélica.

"A sorte bate uma vez só, mas não, na minha vida bateu duas vezes. **Eu não sei se era o destino** de Deus, apesar que uma pastora falou pra mim a muito anos atrás que **Deus tinha um plano** muito grande na minha vida. Só que eu não sabia que plano era esse. O plano que Deus tinha era de **um dia eu ir pra igreja e cantar, né?**"



"Aí depois de cinco dias fui falar com a minha patroa, que já sabia. Ela disse 'Ele ia te colocar numa escola pra educar sua voz, que você tem uma voz quase de tenor e ia levar você pro Rio **pra você virar uma cantora**'. Me arrependi tanto, quando eu resolvi ir **já era tarde demais**, o homem tinha morrido."

"Mas hoje minha filha se arrepende. Depois ela se arrependeu, por que **nós ia conhecer o Brasil inteiro e o mundo inteiro**. Nós ia ter quatro ano de contrato com a Hebe Camargo. Eu ia gravar. **Aí perdi a chance.**"



"Uma missionária me disse que quando eu canto esse hino **Jesus fica com os braços abertos.**"

Hortência com seu neto no colo durante assembleia no Pinheirinho



"Já pensou eu depois de velha contar a minha história pra um programa de televisão? Por que eu ainda vou contar a minha história. Meu sonho é contar essa história um dia pra televisão"

"Mas eu vou continuar aqui até o dia que Deus quiser. Eu acho que Deus fez uma coisa na minha vida."



DESSA LUTA NÃO ME RETIRO

Um clima de tensão precedeu a assembléia do dia 14 de novembro. A conclusão dos meus trabalhos no Pinheirinho se deu num sábado, exatamente três meses após a minha primeira visita ao acampamento.

Durante a tarde, uma senhora me abordou na rua 5 perguntando por que eu estava tirando aquelas fotos. A princípio estranhei, durante os três meses de trabalho sempre tirei fotos dos moradores e de fachadas de casas sem nunca ter sido questionada. Respondi e perguntei por que o tom de preocupação em sua voz. Ela me disse que na quarta-feira seguinte o acampamento seria derrubado. Ainda que eu estivesse desconfiada da informação, uma ponta de preocupação martelou minha cabeça até o início da assembléia.

O primeiro coordenador que encontrei no barracão foi Natanael, que logo me tranquilizou quanto aos boatos sobre o fim do acampamento.

A assembléia começou lotada e poucos minutos atrasada. Eu sabia que o Marrom estava com o pé quebrado e não portanto presidiria aquela assembléia. Ao ligarem o microfone, Toninho começou um discurso que variava entre uma bronca e uma tentativa de acalmar os moradores.

Foi então que entendi o tom de preocupação da senhora que havia me abordado. O jornal Vale Paraibano divulgou que uma liminar havia sido aprovada e a demolição dos barracos do Pinheirinho já estava marcada para a quarta-feira daquela semana.

Se tratava apenas de uma nota dizendo que o processo de liminar havia sido aberto novamente, e que na quarta-feira sairia no diário oficial. Apenas mais uma liminar, como as outras 18 que o MUST já conseguiu derrubar. Não havia motivos para alarde.

Desfeita a preocupação minha e dos aproximadamente mil moradores que se encontravam no barracão a assembléia seguiu

regada de palavras de ordem e gritos de entusiasmo, puxados pelos coordenadores e repetidos pelos moradores.

Foi então que Natanael me procurou, e sabendo que seria minha última visita ao acampamento pediu que eu subisse ao palco para me despedir dos moradores.

Quando peguei o microfone, Daniele, que estava bem na frente do palco, gritou meu nome e acenou, num gesto de aprovação que me trouxe imensa alegria. Perguntei no microfone se as pessoas se lembravam de mim, quando apareci em agosto numa assembléia contando sobre o livro que iria fazer e pedindo a colaboração dos moradores. Novamente Daniele gritou, e junto com ela alguns moradores acenaram e gritaram "Eu lembro".

Comecei minha fala citando o ocorrido com o jornal Vale Paraibano, e disse que a imprensa muitas vezes distorce as informações e se colocam contra nós. Disse que entendo que os moradores do Pinheirinho não gostem de jornalistas, mas que eu gostaria que eles soubessem que existem jornalistas que apóiam e acreditam no movimento social. E que eu sou um deles.

Minha frase foi interrompida por assovios e aplausos. A emoção que se acumulou nos meus olhos durante aquela assembléia quase transbordou nessa hora. Tremulei um pouco mas me contive.

Aguardei o silêncio e concluí agradecendo aos moradores e à coordenação. Disse por fim que essa não foi minha última visita ao acampamento. Foi minha última visita para o livro, mas que sinceramente me apaixonei pelas pessoas e pelo lugar, e por isso não vou abandonar a luta do Pinheirinho.



Fotos, textos, projeto gráfico e diagramação

Fernanda Silva

Capa e edição de imagens

Laurindo Gadoti Neto





BAURU - 2009